



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# Sepultura pré-histórica em Soalhães

Francisco Martins Sarmiento

A Vida Moderna, Porto, 1882 — II, pág. 198

O melhor torrão da enorme freguesia de Soalhães (concelho do Marco de Canavezes) fica num vale, que vem morrer em ponta aguda, na direcção do norte, contra a encosta de dois montes, um dos quais tem o estranho nome de monte Entrudo.

Quase no vértice deste ângulo existe uma telheira. Haverá catorze anos, o dono dela precisando de pó, diz ele, para não sei que operação da sua arte, meteu a saque toda a terra que pôde encontrar nas cavidades das rochas e nas grutas naturais, onde não tinham penetrado as chuvas, que pelos modos foram excessivas naquele ano.

Espreitando a fenda dum enorme rochedo, que não distava muito da telheira, o homem suspeitou que encontraria ali um bom depósito do suspirado pó. Dizemos suspeitou, porque a fenda do rochedo estava como que calafetada por uma grosseira parede<sup>1</sup> e só pelos interstícios dela, e principalmente por uma lura que num deles tinham aberto os coelhos, se podia conhecer se a cavidade estava ou não vazia.

Demolida a parede, viu o telheiro que tinha feito um bom achado; porque a fenda da rocha, que era rasgada no sentido

---

<sup>1</sup> Esta particularidade nunca chamou a atenção de ninguém, nem mesmo dos caçadores que a conheciam muito bem. Isto não admira. Muitas vezes, por um meio idêntico se pensa poder emparedar uma raposa que se encova pelas fendas das fragas.



transversal, a começar do nível do solo, e media uns bons cinco metros de largo, e quase um de alto, mostrou às primeiras cavadelas que se prolongava por baixo do rochedo, e tudo aquilo estava atulhado de terra.

Ao princípio o despejo da furna fez-se sem incidente notável; mas eis que a enxada começa a arrastar, de envolta com a terra, fragmentos de ossos humanos, ossos inteiros, e caveiras completas no número de oito<sup>2</sup>. O que mais estranheza causou ao escavador foi um osso longo, que, segundo parece, era um fémur, um crânio grande dum espessura pouco vulgar e um crânio muito pequeno e extremamente alvo, que se desfez em pó, mal foi exposto ao ar livre.

O mistério desta cripta funerária foi logo desvendado. A distância talvez de meia légua, no lugar da Giesta, se me não falha aí memória; houve dantes uma estalagem à beira da estrada, hoje abandonada, da Régua. O estalajadeiro assassinava os seus hóspedes; carregava com eles às costas e vinha escondê-los por aqui e por aí.

Não obstante esta explicação, que ninguém contrariou, e não obstante a notoriedade do facto, nem as autoridades civis, nem as eclesiásticas se dignaram volver os olhos para estas vítimas do crime, despojadas de sepultura sagrada.

Não sabemos com que fim, as caveiras foram espetadas nas pontas duns paus cravados na terra; mas dentro dalgum tempo desapareceram de tal sorte, que o próprio telheiro não é capaz de descobrir hoje um só fragmento delas.

A fúnebre descoberta do penedo das Coriscadas<sup>3</sup> caiu no esquecimento, ou só era lembrada, quando vinha à baila a história dalgum estalajadeiro que matava gente.

O primeiro que desconfiou da autenticidade do trágico conto — mas já lá iam catorze anos! — foi o sr. dr. José de Barros, médico de partido no Marco, e a quem os estudos antropológicos merecem viva

---

<sup>2</sup> E fragmentos doutras, cujo número se não pode calcular.

<sup>3</sup> O nome vem-lhe da predilecção que parece terem os raios por aqueles lugares, mostrando-se entre outros um rochedo colossal aberto de alto a baixo por um corisco. Na praia de Gontinhães há um sítio, onde se repete este facto e este nome.

atenção. Na companhia do sr. padre Sanches, igualmente apaixonado pelos estudos antigos, e doutros cavalheiros cujo nome me não lembra, o sr. dr. Barros foi visitar à furna. O pavimento dela estava ainda em partes coberto por uma camada de terra, cuja profundidade se supôs ser maior do que realmente era.

O dia estava chuvoso, e só houve tempo para arrastar para fora algumas enxadadas de terra. Nada mais prometedor! Nesta tentativa de exploração, feita a correr pelos próprios visitantes, foram recolhidos alguns fragmentos de ossos, uma machadinha de diorite excelentemente afiada, uma ponta de seta de sílex, a que faltava a parte superior, uma faca também de sílex do tipo mais perfeito, e uma goiva da mesma rocha que a machadinha.

Inegavelmente a furna das Coriscadas era uma sepultura dos tempos pré-históricos, e das menos vulgares, pois que, segundo as maiores presunções, o rito funerário aqui empregado foi o da inumação.

A exploração completa da sepultura ficou adiada para ocasião mais própria.

Fizeram-se todas as diligências possíveis, para descobrir os crânios e as ossadas, que o telheiro desenterrara. Aqui a fortuna começou a desandar e assim continuou até o fim. Nem uma só relíquia foi possível recolher dos oito ou mais esqueletos, descobertos há catorze anos, e, quando se procedeu à exploração metódica da furna, viu-se que a maior altura da terra que alastrava o seu pavimento, formado de rocha natural e cheio de anfractuosidades, raras vezes chegava a ter dois palmos. Alguns fragmentos de ossos podres, uma machadinha de forma e matéria da primeira, uma segunda faca de sílex, mais grosseira que a outra, uma ponta de seta, também de sílex, esta perfeita, mas de tipo diferente, um fragmento de louça grosseira, e mal cozida, foi tudo o que deitou no crivo a pouca terra desprezada pelo telheiro.

Os amigos da ciência não podem deixar de agradecer ao sr. dr. Barros a infatigável actividade e sincero zelo, que revelou nesta exploração, e as activas diligências que empregou, infelizmente

debalde, para retinir todos os objectos que pudessem dar uma ideia aproximada da importância deste achado.

Na esperança de poderem ser encontrados mais alguns instrumentos de pedra e outras curiosidades, chegou-se a sondar o monturo, próximo da telheira, para onde o bom do fabricante atirara os resíduos da crivagem da terra acarretada da furna.

Esta esperança também saiu malograda, mas para nós é de fé que uma outra tentativa, feita com a devida regularidade — e isso seria muito para desejar — compensaria bem o trabalho de quem a levasse a cabo.

Não há pelos cabeços próximos ruínas de povoação antiga, bem que elas não faltem — seja dito de passagem — noutros pontos do concelho de Canaveses. A sepultura das Coriscadas aparece aqui como um facto isolado e sem grandes pontos de comparação, que eu saiba, com monumentos da mesma espécie conhecidos entre nós.

Pertence certamente ao período neolítico<sup>4</sup>; os objectos de pedra não diferem na forma e qualidade doutros encontrados nas antas do litoral, em Vila Chã, por exemplo, perto do Neiva, e nas antinhas da Beira; como todas as nossas sepulturas da época neolítica em diante, esta olhava para o nascente, porque eu estou convencido de que na utilização desta furna virada ao sol há uma escolha intencional; mas este caso de inumação tão raro de encontrar e sobretudo a perfeita conservação, em que foram achados os oito crânios, dava a este jazigo sepulcral uma importância excepcional e a perda das suas relíquias é verdadeiramente lamentável.

Guimarães, Março de 82.

---

<sup>4</sup> Que não exclui o metal, o bronze. No entanto, pelas informações do telheiro, de objectos de metal não apareceu vestígio.